

A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 4\$000 réis.

Numero pago á entrega. . \$090

N.º 43 — VOL. II.

Sabbado 23 de Outubro de 1858.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno . . . 4\$300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . 5\$000

Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — A cidade d'Aveiro, conclusão — O Corcovado, conclusão — Empresas de Tanger — Galeria historica, continuação — A Francisco Gomes d'Amorim — Lições para maridos, continuação.

GRAVURAS — Ricardo Coração de Leão — Vista de Tanger, tomada do campo dos sacrificios — Muralhas de Tanger.

— As mortes semanaes em Nova Orleans, por causa da febre amarella, no mez de Setembro ultimo, eram em numero de quatrocentas quarenta e cinco.

— São satisfatorias as noticias auríferas das minas do rio Frazer. Cada vez se descobrem mais abundantes.

— O governo da America ingleza enviou contra as tribus do Oregon novecentos soldados, commandados pelo coronel Wright.

— Os governadores de algumas ilhas de Sandwich offereceram ao consul americano entregar-

lhe as ilhas de Raiatea e Tahaa. Os consules francez e inglez tomaram medidas de repressão a este respeito; e espera-se que isto origine um rompimento entre a America e as duas potencias europeas.

— No mercado d'assucar na Havana existiam, á data das ultimas noticias, cento trinta e cinco mil caixas.

— Falleceu em Londres lord Wellesley, que fôra herdeiro presumptivo do duque de Wellington.

— Em Hong-Kong, o general Van-Straubenzee, acompanhado de setecentos soldados, saqueou e queimou a cidade de Namtow, para castigar os insultos feitos pelos habitantes aos subditos inglezes.

— A estatistica do exercito inglez na India, dá aproximativamente oitenta e sete mil soldados inglezes; cento e oito mil de tropas indigenas, e noventa e sete mil de policia militar, creada e disciplinada como tropa regular.

— O governo hespanhol, em vista do estado grave do Mexico, vae enviar para ali uma divisão naval.

— Continua assustador o estado politico das Duas Sicilias.

— O rei de Napoles mandou distribuir sommas importantes pelas povoações que foram victimas dos ultimos tremores que ali tiveram lugar.

— Vae proceder-se a grandes trabalhos nas dokas de Rocheford, as quaes devem ficar concluidas no fim d'este anno.

— Na proxima primavera o imperador da Russia virá visitar Paris e Londres.

— Publicou-se finalmente o decreto confiando a regencia da Prussia ao principe real. Houve depois alteração no gabinete, e convocaram-se as duas camaras para 20 do corrente.

Historia da actualidade.

Nos dias 23 e 24 do corrente terá lugar no Porto, em o campo da Torre da Marca, uma exposição de animaes domesticos promovida pela sociedade agricola do districto, que foi coadjuvada pelo governo com os fundos necessarios para os premios pecuniarios, estabelecidos no seu programma.

— No dia 4 d'este mez foi a pique uma bateira, proximo á barra d'Aveiro, salvando-se a tripulação.

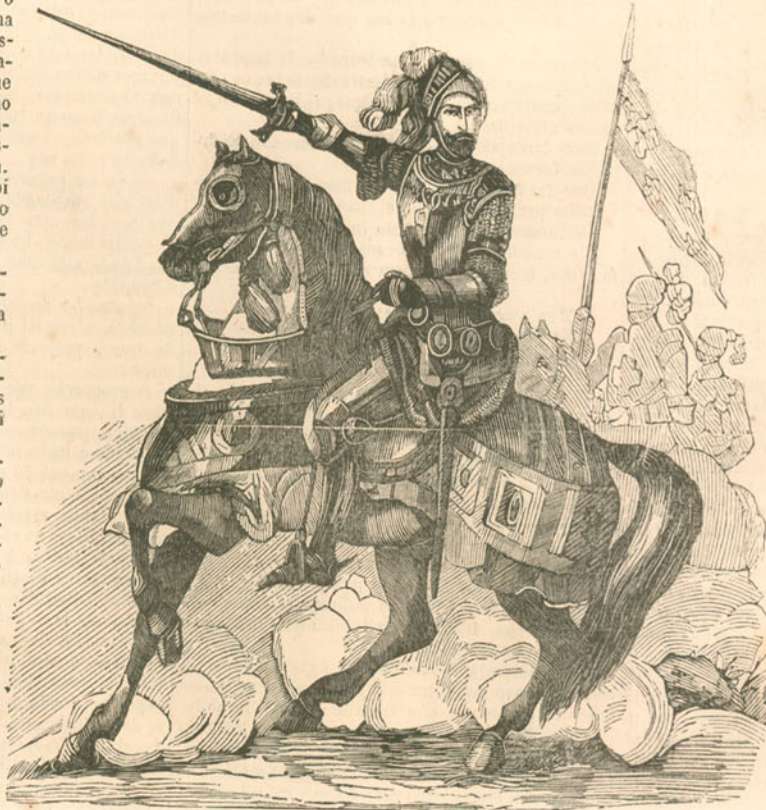
— O senhor Luiz d'Albuquerque, secretario do governo civil de Lisboa, pediu a sua exoneração.

— A receita da camara municipal de Coimbra, no decurso do mez findo, foi de réis 4:632\$745. A sua despeza foi de 778\$217 réis.

— Na semana passada teve lugar n'esta cidade a sessão solemne da escola polytechnica, para distribuição de premios, e abertura das aulas, assistindo a ella suas magestades el-rei e a rainha.

— Enviaram-se de Nova York para Londres, no paquete Persia, 633:436 dollars.

— O vapor Austria, que navegava nos mares da America, incendiou-se por causa da inflamação do alcatrão empregado nas fumigações. De quinhentos trinta e oito passageiros que transportava, sómente se salvaram sessenta e sete.



Ricardo Coração de Leão.

— Entre Algeciras e Gibraltar perdou-se o brigue francez *Hipolyte*, perecendo o capitão e um marinheiro, e salvando-se o resto da tripulação.

— Em França prorogou-se até Setembro de 1859 a isenção dos direitos de navegação aos navios que importarem substancias alimentares.

— O Marquez de Turgot foi elevado á dignidade de grã-cruz da Legião de Honra.

— O *Times* espera que a questão pendente entre França e Portugal, por causa do aprisionamento do navio *Charles George*, se componha pela intervenção da Inglaterra.

— Perdeu-se o navio *Diana*, saído de Marselha. Salvou-se a equipagem.

— A rainha Christina vac passar o inverno em Roma.

— Sublevaram-se na Índia tres regimentos indigenas; porém, sendo os rebeldes perseguidos logo, quasi todos morreram no combate, ou se afogaram no rio que atravessavam em fuga. Noventa que ficaram prisioneiros foram condemnados a pena ultima.

— A alfandega d'Aveiro rendeu no mez de Setembro 1.031.840 réis.

— Na feira que acaba de ter lugar em Vizeu venderam-se tamancos na importancia de dez contos de réis.

— Na roda de Coimbra, existiam no mez passado novecentos noventa e oito expostos.

— Deve chegar a Lisboa monsenhor Ferrerri, que vem substituir o cardeal Pietri, na qualidade de nuncio apostolico.

— A feira do Campo Grande tem sido muito concorrida este anno.

A cidade d'Aveiro.

Conclusão.

Os suburbios d'Aveiro são mui formosos pelas hortas, quintas, arvoredos, e fontes, que n'elles ha, e pelos lindos panoramas, que de muitos pontos se desfructam. A ria, com as suas nove leguas de comprimento, desde Ovar até Mira, correndo parallelamente ao oceano, e apenas separada d'elle por uma larga restinga de areia, e continuamente sulcada por uma infinita quantidade de barcos de diversos tamanhos e feitios; vastas campinas, retalhadas pelos esteiros ou braços, que a ria alonga por essas planicies sem fim, parte cultivadas, parte aproveitadas em marinhos de sal; ao longe a immensidade do oceano; e para o interior bosques e serras longinquoas, elevando-se umas sobre outras em amphitheatro; taes são os variados quadros, que se gosam dos sitios mais altos da cidade, e dos seus arrabaldes.

O termo d'Aveiro é fertilissimo. Tem boas pastagens aonde se criam muitos gados, e entre estes excellentes cavallos. Produz grande copia de cereaes, arroz, legumes, vinho, e fructas. Porém o sal e as pescarias constituem as suas mais valiosas produções, e o ramo mais importante do seu commercio. Em 1851 o districto d'Aveiro produziu mil quatrocentos quarenta e cinco moios de arroz, e vinte mil quatrocentos quarenta e cinco moios de sal. N'esse anno demandaram o seu porto duzentos e cincoenta navios e embarcações costeiras, cujas toneladas prefazem a somma de quinze mil oitocentas e quarenta; e saíram trezentos e dezoito (*).

Aveiro tem duas feiras annuaes muito concorridas, e de bastante movimento commercial, uma aos 25 de Março, e a outra no 4.º de Novembro. Todas as cercanias da cidade são abundantissimas de caça, principalmente de aves aquaticas e de arribação, de diferentes especies, que ás vezes cobrem as ilhotas e esteiros da ria. E d'esta prodigiosa quantidade de aves, querem os etymologistas que se derive o nome da cidade.

No antigo regimen gosava Aveiro da prerogativa de enviar procuradores ás côrtes, os quaes tinham assento no banco setimo; e além d'este desfructo muitos e singulares privilegios, concedidos por quasi todos os nossos soberanos desde el-rei

D. Diniz, que fez as primeiras diligencias para atrahir moradores ás ruinas da antiga Talabriga, até el-rei D. João IV. Aveiro conta uns quatro mil e duzentos habitantes.

O seu brasão d'armas, como se acha na Torre do Tombo, d'onde é copiado o desenho, que se vê no numero antecedente, é, n'um escudo, sobre campo verde, duas estrellas, duas meias luas, e um cisne sobre agua. Entretanto em diversas obras, que temos á vista, achamos a seguinte descripção das suas armas: «No meio do escudo as quinas reaes; do lado direito uma aguija parda com as azas estendidas (que se collige lhe dariam os romanos), metida entre duas meias luas, e duas estrellas praticadas, e postas em aspa (insignias sem duvida das navegações dos seus naturaes); e no lado esquerdo a esphera de el-rei D. Manuel, que lhe deu o foral no anno de 1515.»

Aveiro foi patria de muitos varões, que se distinguiram por actos de virtude, por letras e saber, por viagens e descobrimentos, e, enfim, por acções de coragem e valor. Iriamos muito longe, se pretendessemos fazer o catalogo dos seus nomes, e obras. Diremos, porém, que aos filhos d'Aveiro se deve a descoberta da peninsula na costa septentrional da America, chamada a *Terra Nova*, aonde depois foram por longa serie de annos fazer a pesca do bacalhau, com grande proveito seu, e utilidade da sua cidade natal.

Aquelle celebre navegante, João Afonso d'Aveiro, que tão importantes descobrimentos fez na costa d'Africa, durante o reinado de el-rei D. João II, era natural d'Aveiro. Foi este intrepido viajante, que entrando-se pelo sertão d'Africa, e trazendo de lá a Portugal mui curiosas noticias, mostrou de varias produções do oriente, e um embaixador, do, pelo vulgo denominado, Preste João, fez nascer o primeiro pensamento da descoberta da carreira da Índia, que o immortal Vasco da Gama teve a fortuna de realisar no seguinte reinado.

L. DE VILHENA BARBOSA.

O Corcovado.

Conclusão.

Tres suspiros angustiados cobriram estas palavras animadoras. Não ha nada peor do que a falta de almoço no momento em que determinamos almoçar.

Acham-se de repente transtornadas de lamentavel modo as nossas idéas; destruidos todos os calculos; contrariadas as esperanças; ridiculizadas as nossas ambições!

Duas laranjas... triste remedio! mas as duas laranjas foram comidas.

Que faz? perguntou-me o senhor L. vendo-me voltado para o muro do encanamento.

— Commemoro este triste incidente! Ieia.

E o senhor L. repetiu os seguintes versos de Lamartine, escriptos por mim sobre a pedra.

Mon ame avec effroi se plonge,
Et je me dis: Ce n'est qu'un songe
Que le bonheur qui doit finir.

Tão impressionado me sentia pela falta do almoço!

O caminho do Corcovado é, em alguns pontos, bastante ingreme; o governo mandou dulcificalo quanto era possivel; e hoje, em lugar d'um trilha escarpado e perigoso, existe uma estrada larga, aqui levemente inclinada, ali mais difficil, aberta de modo que apez grandes declives acha sempre o viajante um plano menos inclinado, como que em compensação. Até certo ponto a estrada é em espiral; depois, formando diferentes angulos na face da rocha, acaba n'uma ladeira que conduz ao cume da montanha.

Isto, porém, que dissemos em poucas palavras, é obra para muitos milhares de passos regulares. no espaço de tres horas. E' origem de uma dôr de peito. Quanto mais se sobe, mais ha para subir! Estamos quasi... diz de quando em quando uma voz no centro da caravana. E meia hora depois, a mesma voz repete as mesmas palavras; e outra meia hora depois ainda não ha esperanças de chegar! Felizmen-

te em alguns pontos, distrahe-nos a imaginação a belleza do caminho. Para-se insensivelmente, por que se sente o pensamento absorto na contemplação d'um jorro d'agua, que lá vem das alturas furiosa, serpenteando pela rocha, precipitar-se, e quebrar-se com estrondo no abysmo, desfazendo-se em espuma. Vê-se aqui a arvore secular, cujo tronco direito excede a guinda do mastro grande d'uma fragata de guerra; ali outra, não menos antiga, que forma com os braços desenhos extravagantes, contornos singulares, a que muitas vezes ajustamos uma idéa. Entretanto vem o sol rompendo, e começam os ramos mais interiores a povoar-se de milhares de variegados passarinhos, que vão, chilrando, orvalhar as plumas na poeira gelada que sae d'esses abysmos onde a agua se despenha e referve; doiram-se como por encanto todas as folhas; os raios do sol, infiltrando-se pelos vapores da manhã, formam diante de nós columnas phantasticas de lapis-lazuli, que se desfazem á proporção que avançamos, e que tornam a estabelecer-se depois ao largo das vastas lamedas, sustentando uma abobada de esmeraldas e rubis. Dir-se-hia que caminhavamos por entre as columnas dos fabulosos palacios d'algum genio bemfazejo, se de quando em quando um esqueleto, coberto de pelle negra, nos não estendesse a descarnada mão sollicitando esmola. A voz rouquenha d'estes infelizes, já rejeitados pelos ferros da eseravidão em que perderam as forças, chamava-nos, das doces illusões a que nos entregavamos, ás misérias da vida que pretendiamos esquecer. Na presença de tão infelizes creaturas, sentimos tambem o peso da vida; mas, por muito desgraçados que nos reputemos, achamos na comparação uma tal vantagem a nosso favor, que não podemos deixar de comprehender todo o horror d'aquella existencia, privada de quanto n'este mundo temos a vaidade de pensar ter sido creado para nós!

Chegavamos ao sitio chamado das *Painceiras*, onde ha gigantes arvores, cujos ultimos ramos quasi se perdem de vista no espaço, e são de modo tal entrelaçados que formam uma abobada espessa, sob a qual ao meio dia ha sempre sombra profunda e delectavel.

Era ali, sentados em um banco de relva, na frente d'uma mesa de granito, que deviamos almoçar. Triste lembrança! O banco e a mesa lá estavam cobertos com os restos d'outros almoços que ali tinham sem duvida saboreado outros peregrinos mais felizes; o nosso, porém, achava-se reduzido a meia duzia de laranjas e alguns tragos de vinho! Suspiramos dolorosamente olhando para o senhor L., cuja physionomia, impassivel á impressão de tão decidida desgraça, parecia querer disfarçar não sei que profundo segredo, do qual dependia a felicidade de todos nós.

— Vamos primeiro visitar a *booca do inferno*: disse elle apontando para uma vereda transversal que costeava uma das linhas do encanamento, e se perdia depois na escuridão de um horrivel antro d'onde saia um vapor desagradavel. E poz-se a caminho.

Seguimol-o de cabeça baixa, e olhos pregados no chão, a esse tal inferno, que não podia ser peor do que o que cada um de nós já sentia no estomago!

A proporção que avançavamos, seguindo o senhor L., que não largava o seu enorme sacco de laranjas, tornava-se rara a vegetação, e o caminho profundo e inclinado. Um quarto de hora depois, feriu-nos o ouvido um surdo rumor, que pouco a pouco augmentava como que repetido pelo ecco d'alguma grande cavidade da rocha. A luz da manhã perdia-se na sombra inextinguivel da caverna onde entravamos; e o rosto cobria-se-nos de uma poeira gelada e salitrosa que em vão tentavamos sacudir. Olhei para traz, e já não vi senão um debil raio de luz que se estendia ao longo da vereda; passados alguns minutos, achamo-nos n'um local, famoso pelo horror que inspira em consequencia da profundidade e vastidão da abobada subterranea, no fundo da qual ha um combate constante de diferentes jorros d'agua, cortando-se em todas as direcções. Com algumas hervas que achamos, impregnadas de salitre, fizemos uma fogueira; e ao clarão oscillante da chamma, pudemos admirar o prodigioso effeito da luz n'aquelle logar. De todos

(*) Veja-se o Almanak de Portugal do senhor Valdez.

os lados se illuminaram de repente milhares de stalactites. Os pingos d'agua que se deslilhavam das pontas do rochedo, formando pequenos globos que a luz atravessava, pareciam pedras preciosas que caiam no abysmo insondavel, aberto a nossos pés. Era, por assim dizer, uma chuva de diamantes.

Brilhante e arrebatadora illusão!
Estavamos nas entranhas do Corcovado. Aquelle abysmo, onde se debatiam diferentes jorros d'agua, era o coração do gigante! E quem sabe se, com effeito, um gigante maldito não foi ali petrificado por Deus; o seu coração tornado abysmo; o seu sangue agua? Quem sabe se aquelle susurrar constante revela o ruído das paixões que o agitam?!

Em presença de certas e indescriptiveis obras da natureza, é necessario um grande esforço d'intelligencia para resistirmos ás inspirações que ellas parecem autorisar.

Manda-nos a sciencia que não acreditemos se não no que possamos deduzir dos nossos pensamentos, sancionados pela experiencia e pela razão. E quem sabe, todavia, se não são muitas vezes simples coincidencias do acaso essas experiencias; e loucura essa razão que a tantos sacrificios nos obrigat.....

O coração do Corcovado estava visto. Saimos e voltámos ás Paineiras.

— Agora estamos tão proximos do morro, disse o senhor L., que não vale a pena comermos as laranjas aqui. Por mais meia duzia de passos, vamos saboreal-as lá em cima, e atirar com as cascas ao mundo.

Estavamos todos em tal estado de resignação que não resistimos; ençetámos o lado inferior do primeiro angulo do caminho, e em breve chegámos a uma clareira onde começava a lameda que devia conduzir-nos á ultima pedra do Corcovado. A lameda era porém tão ingreme; as nossas pernas estavam tão fracas; tão impressionadas as nossas cabeças pelas maravilhas que tinhamos observado, desde a desappareição do almoço, até á analyse da bocca do inferno, que todos, excepto o senhor L., caímos, como que ajustados, sobre a relva, junto d'uma vertente cristalina que convidava a almoçar.

— Venham as laranjas; abram-se as garrafas! Exclamámos, caindo por terra.

O senhor L. olhou para nós, e conhecendo sem duvida o perigo que podia ameaçar-nos se por mais tempo porfiássemos contra a necessidade do almoçar, soltou uma estridente gargalhada, e pegando no sacco pelo fundo despejou-o d'uma assentada.

D'involta com as laranjas, que rolaram em todas as direcções, appareceram todos emburros engordurados, que não podiam deixar de ser as nossas queridas gallinhas, o nosso desejado presunto, e as nossas appetecidas bananas. Gritos, pulos, vivas, acclamações, tudo resouo por muito tempo n'aquelle bosque bemdito em presença do novo maná.

O comestivel desapareceu n'um momento.

— Amigos, disse-nos então o senhor L. acabando de engulir a ultima perna de gallinha: se não fosse eu haviam de ser muito bem caçados pelas moscas ao entrarem em casa! Graças ao meu estratagemma, virou-se o feitiço contra o feitiçeiro, e parece-me que já as estou vendo esgueirarem-se envergonhadas quando apparecermos triumphantes em Rio-comprido! Saibam que, tendo eu adivinhado a diabrura que nos preparavam, deixei-as até ao fim executarem seu negro projecto; e fazendo emburros eguaes áquelles porque as maldosas substituíram os nossos, fui sorratamente collocar os no sitio onde haviam escondido o nosso mantimento; fazendo tambem uma substituição que não menos deve tel-as surprehendido quando fossem mi lampeiras, na idéa de devorarem, rindo á nossa custa, o que nós acabamos de comer agora!

Um bravo geral cobriu o discurso do senhor L. que continuou:

— Se até aqui os tenho trazido enganados, creio que o prazer com que almoçaram, deve ter-me desculpado! Sei por experiencia que ninguém é capaz de subir, com a barriga cheia, o Corcovado! Para trazer até aqui o triste mortal, não basta a idéa illusoria de admirar a natureza; é preciso ter a de um almoço satisfatorio! E agora que estamos completamente satisfeitos, proponho que corramos sem demora ao cume do Corcovado.

A estas palavras, levantámo-nos como para uma revolução se levanta uma cidade, e guiados pelo nosso caudilho, a quem para logo chamámos a nossa providencia, gaigámos d'um folgado a alameda, e chegámos finalmente a ver o ceo sobre a fronte endurecida do monstro! Era um espectáculo magnifico!

Olhei para todos os lados, debrucei-me no parapeito, e não vi a base que me sustentava n'aquella altura, tanto aquelle formidavel morro está inclinado sobre o mar! A cidade, a bahia, a barra, tudo parecia d'aquelle ponto um quadro em miniatura! E' ali que o mais insignificante dos homens pode, com certa verdade, reputar-se grande no mundo porque vê, sem questão, o mundo muito pequeno a seus pés! A cidade parecia um quadrosinho bordado a missanga; a bahia, uma bacia de barbeiro; e a barra, um pedaço quebrado na borda da bacia. O pão d'assucar, essa formidavel pedra que admiramos ao entrar a barra, era, d'ali, um verdadeiro pão d'assucar egual aos que vemos nas vidraças das confeitarias. Entrava n'aquella occasião o paquete: esse grande vehiculo que tanta impressão produz nas idéas do sensivel bracarense que regressa á patria, era apenas uma casquinha de noz, com dois palitos espetados, boiando pacificamente n'um regato!

Como é possível que tenhamos a vaidade de pretendermos ser grandes na terra, quando tudo ahi é tão mesquinho?!... De quantas alterações, demandas e crimes tem sido causa esses pedacinhos de terra separados por umas linhas brancas apenas perceptíveis?! Aquellas caixinhas d'alvenaria, cobertas de barro vermelho, similhantes ás que as creanças fazem de cartão para encerrar moscas?! E consiste a riqueza do homem na posse d'aquellas insignificancias? Oh! meu Deus! quanto maior não é a tua riqueza e gloria! Tu que fizeste e possues todas estas maravilhas; a terra, o mar, o ceo; que dominas desde a profundidade dos mares e dos abysmos da terra até á altura prodigiosa do teu throno, vês tu acaso os homens, que eu, que sou homem, já d'este promontorio não distingo lá em baixo? Vê-os-has tu, se porventura elles não suberem elevar o seu pensamento até á altura do ceo, pela pratica das virtudes que nos tornam grandes a teus olhos?.....

Como nós somos pequenos!.....

Eu sentia a vista cansada, e a cabeça tonta: retirei-me do parapeito recieando a vertigem que já d'ali fez precipitar um desgraçado.

Era tempo de regressar.

Entregámo-nos ainda por alguns momentos á analyse dos dísticos mais ou menos espirituosos, com que a turba tem decorado aquellas paredes aerias; e tendo encrustado no tronco d'uma arvore os nossos nomes, regressámos a Rio-comprido, onde nos esperava um bom jantar em caso do commendador P., a quem ainda hoje me liga, apesar das duas mil leguas que nos separam, verdadeira amizade.

A. H.

Empresas de Tanger.

1437.

Cedera enfim el-rei D. Duarte ás repetidas instancias de seus irmãos, os infantes D. Henrique e D. Fernando, que pretendiam passar a Africa para tentar a conquista de Tanger.

A muito custo deu el-rei o seu consentimento, porque a peste e as passadas guerras tinham exaurido o paiz de ouro e de gente; e os tempos iam tão apertados, que não davam oportunidade para se fazerem os apercebimentos, que a empresa demandava. Por estas fortissimas razões o voto das pessoas mais entendidas, e de melhor conselho, era contrario aos desejos dos infantes. Porém o ardor marcial d'estes dignos filhos de D. João I, e as suas vivas sollicitações poderam mais que os dictames da politica, e mais que as vozes da prudencia.

Fizeram-se pois os aprestes, que as circumstancias do estado permitiam. O dia aprazado para o embarque, esse dia tão desejado, e tão demorado, chegou finalmente, era o decimo setimo d'Agosto.

N'essa manhã o vasto templo da sé de Lisboa era estreito recinto para conter a affluencia de povo, que se apinhava e apertava sob as suas tres amplas naves. Toda a egreja trajava galas como em dia festivo. Os altares resplandeciam cheios de luzes; o aroma das flores misturava-se com as nuvens de incenso, que subiam ao throno do Santissimo; os canticos sagrados casavam-se em doce harmonia com os graves sons do órgão; e o bispo d'Evora, D. Alvaro de Abreu, vestido em pontifical, cantava missa solemne, e entoava louvores e preces ao Deus dos exercitos pela propagação da fé christá, e bom successo da jornada de Tanger. E el-rei com os infantes, e toda a córte, acompanhados de immensa multidão de povo, oravam com devoção e fervor pela gloria das armas portuguezas.

Acabadas as ceremonias dispoz-se uma apparatusa procissão, na qual o bispo celebrante levava na mão a bulla da cruzada, que o papa acabava de publicar contra os infieis. Adiante do bispo ia um cavalleiro, vestido com a sua cotta d'armas, e empunhando a bandeira com a cruz de Jesus Christo. El-rei e os infantes, seus irmãos, os officiaes-móres da casa real, e mais fidalgos, faziam parte do prestito.

Saiu da sé a procissão, encaminhando-se para a Ribeira, em frente da qual se achava a nau, que devia transportar os dois infantes. D'ahi embarcou todo o prestito para bordo da nau, aonde o bispo fez entrega ao infante D. Henrique do sagrado estandarte dos cruzados. Seguiram-se muitas orações, e a cerimonia da absolvição plenaria, depois do que regressou á sé a procissão, menos os infantes, que não saíram de bordo, e el-rei, que os ficou acompanhando durante o resto do dia. E a nau, e toda a frota levantou logo ferro, e foi fundear defronte do Rastello (Belem).

Quatro dias se passaram á espera de ventos favoraveis. Ao quinto, 22 de Agosto, approvou a Deus conceder aos impacientes navegantes o tempo mais benigno e mais formoso, que se podia desejar para começo de viagem.

Nessa manhã, bem cedo, foi el-rei ouvir missa e orar a Santa Catharina de Riba Mar. Os infantes ahi se foram encontrar com seu angusto irmão, e juntos imploraram mais uma vez o favor e protecção divina para a ousada empresa, que iam commetter.

Concluidas as suas devoções, foram todos para bordo. El-rei ia pensativo e pesaroso. No momento d'estas ultimas despedidas, passara-lhe uma nuvem negra pela alma, e opprimira-lhe o coração terrivel pesadelo! A nuvem era uma d'aquellas revelações instinctivas do coração humano, a que damos o nome de presentimentos. O pesadelo era a responsabilidade, já quasi remorso, de ter autorisado e disposto aquella partida contra o voto da maioria dos seus conselheiros, e com tão fracos meios de alcançar o rendimento de tão forte praça de guerra.

Jantou el-rei a bordo da nau. Sentaram-se á mesa os reaes convivas sem proferir uma unica palavra, e por algum tempo todos foram mudos. Os infantes D. Henrique, e D. Fernando, se bem que sentiam esta separação de el-rei, e dos outros infantes, seus irmãos, que muito amavam, tinham o animo tão alvorçado com os seus projectos guerreiros; fervia-lhes tanto o sangue com o ardente desejo de illustrarem ainda mais seus nomes com brilhantes e novos feitos d'armas; pintava-lhes a phantasia, atravez das sombras do futuro, tantas victorias, tão gloriosas cordas de loiro; que lhes trasbordava do coração mais alegria que pesar. E para a conterem no peito, de modo que a não denunciassem n'aquella hora solemne das despedidas, recolhidos em si, não se atreviam a fallar.

O pobre rei D. Duarte, magoado pela saudade, mas ainda mais torturado por serios cuidados e receios, revolvia na mente tudo quanto tinha ouvido no conselho contra a ida dos infantes. Os perigos e contradicções, que ahi lhe tinham exposto, e que a rainha, sua esposa, movida dos rogos dos infantes, soubera com arte desvanecer, apresentavam-se agora ao seu espirito com vulto gigantesco e vivas côres.

Opprimido, pois, e levado d'estas idéas, quebrou el-rei o silencio para lembrar a seus irmãos quantos perigos podiam correr, elles e a sua em-



Vista de Tanger tomada do Campo dos sacrificios



Muralhas de Tanger

presa; e para lhes aconselhar o modo de se precaverem contra os desares, e o que lhes cumpria fazer se a fortuna os não ajudasse.

O jantar acabou triste, como principiara. O piloto entrou na camara a dar parte que a maré se adiantava, e era forçoso não demorar mais a partida. El-rei levantou-se então para fazer as suas ultimas despedidas. Foi uma scena curta, porém muito tocante. El-rei e seus irmãos apertaram-se em estreito e saudoso abraço. Os dois infantes, que se partiam, tinham os olhos arrasados d'agua; mas pelo rosto grave e melancolico de D. Duarte deslisavam-se as lagrimas umas apoz outras com tão sentida angustia, como se fosse este o derradeiro adeus, que dava na vida aos irmãos, a quem tanto queria.

El-rei chamou ainda á parte o infante D. Henrique para lhe repetir as recommendações, que lhe fizera á mesa; e não se contentando com isto, para que tivesse sempre presentes aquelles seus conselhos, deu-lh'os escriptos n'um papel, apesar de já levar o infante um extenso regimento por onde se devia reger e guiar.

Apenas D. Duarte saiu da nau, toda a frota suspendeu ferro, e desfraldou velas ao vento.

Era um dia tão lindo, estava o ceo tão puro, rolavam tão brandamente as ondas do oceano, sopravam as brisas tanto á feição, que todos tomaram por agoiro de felicidades tamanha bonança e formosura de tempo.

As praias de Rastello, a foz do Tejo, e serra de Cintra, e mais tarde a d'Arrabida foram successivamente desaparecendo á vista dos nossos navegantes. Ao quarto dia de uma prospera viagem, (27 d'Agosto), surgiu toda a armada no porto de Ceuta.

II

Era perto do meio dia, quando os navios deram fundo em frente da cidade. Já ahi acharam ancorada a frota, que partira da cidade do Porto com tropa sob o commando de D. Fernando, conde de Arrayolos, que ao diante foi o segundo duque de Bragança, e que na expedição dos infantes devia fazer o logar de condestavel.

D. Pedro de Menezes, aquelle bravo entre os mais bravos, que el-rei D. João, de *boa memoria*, escolhera para primeiro capitão da sua primeira conquista n'Africa, ainda governava a cidade de Ceuta. Mal distinguui entre as innumeraveis bandeiras dos navios da frota o pavilhão real, que ondeava galhardamente, foi-se pressuroso o illustre capitão a bordo da nau almirante, para saudar e receber os bemvidos filhos do rei seu amigo, e seu companheiro d'armas.

Ambos os infantes se alegraram muito ao vê-lo, porém o coração de D. Henrique pulsou com mais força, porque este valente guerreiro, assim como a cidade que se estendia á sua vista, recordavam-lhe o principio da sua nobre carreira militar.

Desembarcaram pois os infantes, e logo foram direitos á igreja de Santa Maria d'Africa, outr'ora mesquita, e por seu pae convertida em templo christão. Feitas as suas devoções, recolheram-se aos aposentos, que lhe haviam sido preparados na cidade.

No dia seguinte foi-se buscar a bordo, com o mesmo ceremonial que em Lisboa, as duas bandeiras — da *cruzada*, e de el-rei. Foi o mesmo bispo d'Evora, que tambem viera na armada, quem conduziu a primeira em procissão com grande acompanhamento até á igreja de Santa Maria de Africa, onde ficou depositada, e n'essa noite velada pelo proprio bispo e mais cleresia.

Teve logar esta função de manhã; e de tarde passou o infante D. Henrique revista geral a todas as tropas da expedição. De quatorze mil homens, que se tinham alistado em Portugal, apenas seis mil haviam desembarcado nas praias africanas. Muitos tinham ficado no reino por falta de navios de transporte, porém muitos outros haviam desertado. Era a primeira vez, sem duvida, que se via desertarem portuguezes, quando soava aos seus ouvidos o grito de guerra. Tão combatida fóra esta expedição, e tão impopular se tornara, que não duvidaram esquivar-se d'ella, fugindo, tantos mancos, n'uma epoca em que o fugir da guerra era

considerado por todos como a maior vergonha, e a mais aviltante deshonra.

Quando os mais experimentados capitães viram assim reduzido o exercito, que se destinava ao assalto de uma praça tal como Tanger, cercada de fortes muros, e defendida por uma guarnição, que se reputava em mais de sete mil soldados, fizeram todas as diligencias para persuadir aos infantes, que adiassem a empresa até obterem do reino novos reforços.

Não se dobravam, porém, assim facilmente os animos d'aquelles dois principes, que, educados na escola das armas e afeitos a ver sempre a victoria por companhia inseparavel de seu bellicoso pae, julgavam de todos os perigos e difficuldades pela medida de seus desejos e pelo alcance do seu esforço. Portanto, o que era motivo, na opinião dos mais prudentes cabos de guerra, para se deferir o assalto; era no conceito dos destemidos infantes uma razão de mais para se dar com brevidade, pois que tanto maior seria a sua gloria, vencendo com diminutas forças tão formidavel inimigo.

Uma circumstancia inesperada acabou de firmar a resolução dos dois principes. Os moiros de uma povoação não longe de Ceuta, atemorizados pela chegada das duas armadas do Porto e de Lisboa, e lembrando-se ainda com terror das façanhas maravilhosas de D. João I, enviaram logo uma mensagem aos infantes, pedindo-lhes paz a troco d'um tributo e vassallagem á coroa de Portugal.

Acceptou-se pois a proposta com applauso; e a outros, que pediram equal favor, se lhe recusou o pedido, por se não chegar a accordo sobre o valor do tributo. Todavia estas mensagens foram tidas em conta de um preludio de assignalados triumphos.

Não havia, portanto, mais que pensar; o esforço de poucos peitos devia supprir a falta de muitos braços. A ordem de marcha foi dada finalmente. Mas, querendo D. Henrique seguir pelo caminho que mais breve o conduzisse ante os desejados muros de Tanger, obstaram-lhe os praticos, descrevendo-lhe as escabrosidades das serranias, que era mister atravessar, e nomeando-lhe poderosas e aguerridas tribus, que defendiam essas passagens difficéis. Então o infante, sem desistir ainda do intento, mandou a João I ereira com mil soldados de cavallo e de pé explorar esses terrenos, que lhe representavam tão cheios de perigos.

Foi e voltou prestes a pequena expedição. Os praticos haviam dito a verdade. Os desfiladeiros da serra da Ximeira eram quasi intransitaveis. Os moiros de Alcaeer Ceguer, que saíram ao encontro dos exploradores, eram tantos, e tão valentes, que só á custa de incriveis actos de bravura e coragem, conseguiram estes ultimos salvar-se com honra de um conflicto perigosissimo.

A vista de similhante relação não havia remedio senão mudar de rumo. Escolheu-se por conseguinte o caminho, que vae por Al Muhacar, Teuão, e valle d'Angera.

No domingo, 8 de Setembro, de manhã cedo, o bispo d'Evora disse missa, prégou um eloquente sermão da cruzada, e depois lançou a absolvição plenaria aos infantes, e a todas as tropas reunidas. Na segunda feira todo o exercito se poz em marcha.

Rui de Sousa, com trezentos ginetes, partiu adiante, como descobridor, vinha o dia alvorecendo. Pouco depois saiu o conde de Arrayolos, commandando a vanguarda, atraz da qual ia a carriagem, que tão extensa era, que levou até ao meio dia a sair da cidade.

A pequena distancia d'esta força seguia-se a ala direita, commandada por D. Fernando de Castro, governador da casa do infante D. Henrique; e immediata á ala esquerda, do commando de D. Fernando o Moço, por alcunha o *Cegonho*, que era vedor do mesmo infante. Apoz ia Rui de Mello com a bandeira do infante D. Henrique, e logo D. Duarte de Menezes, que fazendo de alferes-mór por seu pae, D. Pedro de Menezes, levava o estandarte d'el-rei; e depois d'este João Falcão com a bandeira da cruzada. Seguiam-se as imagens de Santa Maria d'Africa, e do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, a figura d'el-rei D. João I, e uma reliquia do santo lenho, acompanhada pelo bispo d'Evora, e muitos padres.

O infante D. Henrique e a sua phalange, que formava a retaguarda do exercito, fechavam este

longo prestito, meio guerreiro meio religioso. Ao infante D. Fernando não lhe foi permitido, por doença, acompanhar esta tão lustrosa hoste. Assim teve de embarcar, e em quanto seu irmão caminhava com as tropas por terra, foi elle com toda a armada surgir na bahia de Tanger.

Continua.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Galeria historica.

Continuação

RICARDO COBAÇÃO DE LEÃO.

Em 1188 o papa mandou prégur a *guerra santa*. Guilherme, arcebispo de Tyro, que voltara da Palestina para sollicitar na Europa a assistencia dos principes e reis, foi para esse fim escolhido pelo summo pontifice. A narração fiel que o prelado com eloquencia fazia do miseravel estado a que os christãos se achavam reduzidos no oriente, desde que Saladino reconquistara Jerusalem, commoveu os animos dos principaes chefes do poder, e parece que fóra entre elles tacitamente decidida nova cruzada, á qual porém se oppunham alguns obstaculos que lhes não era dado promptamente resolver. Entretanto, para dar principio a esta cruzada, decretaram no conselho dos principes e prelados um imposto, — a decima parte do rendimento individual, — que seria arrecadado para acudir ás futuras despesas dos exercitos, e ao qual todos se prestaram, até os vassallos, sob a denominação de *dizima Saladina*.

A guerra entre Filippe Augusto e Henrique II era a causa que impedia e retardava a realisação d'aquella cruzada contra Saladino. O odio d'estes soberanos e a rivalidade da França e da Inglaterra, consumiam em terriveis luctas as phalanges que o oriente reclamava para gloria da christandade.

O anno de 1191 veiu destruir o obstaculo que se oppunha á marcha gloriosa dos dois exercitos. Henrique II deixou de existir.

Parecia que não teria fim aquella guerra senão com a morte de um dos monarchas. Assim foi; e o successor de Henrique II, Ricardo, de tal modo manejou os negocios diplomaticos na córte de França, que, já por ser estranho aos odios particulares que seu pae nutria, já por entender de outro modo os interesses de seus vassallos, accordou com Filippe Augusto, sem desaire, que os dois exercitos marchariam para a Palestina onde o commum interesse da christandade os chamava.

O dinheiro que a este tempo existia em cofre suppriu os damnos que no armamento dos exercitos produzira a guerra, satisfez os descontentes, e muniu do que para tão arriscada empresa se tornava urgente nos exercitos aliados.

Pelo meado do anno de 1191 largou de Messina a armada ingleza. Pouco depois foi accommettida por uma terrivel tempestade, e quasi inutilisada, não só pelo damno causado nos navios, como pela morte de muitos dos seus principaes mareantes e homens d'armas. Desfallecidos os nautas com a derrota, e tirando d'ella os *augures* mau presagio, fóra resolvido no conselho dos pilotos voltarem para Messina; mas Ricardo, dando-lhes exemplo de coragem, obrigou-os a envergonharem-se de tão pusilanimi accordo e tal falta de fé em Deus, cuja santa causa iam advogar no oriente. «Soldados, dizia elle, Deus quiz sem duvida experimentar o animo dos seus novos defensores! Não fraquejeis, pois, se não quereis tornar-vos indignos da sua misericordia! A'vante, que a fé nos levará a salvo!» A voz do nobre guerreiro, que em tão verdes annos mostrava tanta audacia, reanimaram-se os soldados; o brio cresceu nos mareantes; e a armada, procurando restaurar-se dos damnos que lhe causara a tempestade, foi reunindo-se, mettendo a prôa ao oriente.

De outros trabalhos que teve a armada lhe veiu a primeira gloria. Um navio que conduzia Bérengrê de Navarra e a rainha da Sicilia, procurando abrigo em Limisso, na ilha de Chypre, não obteve a entrada no porto: fez-se de novo ao largo, e avistando a armada, que já a este tempo vinha reuni-

da para fazer aguada n'aquelle mesmo porto, deu-lhe signal de tão desanimadora nova.

Ricardo prosegue.
Izace de *Comnène*, que, durante as perturbações politicas de Constantinopola, se apoderara de Chypre, atreve-se a ameaçar a armada que já navegava ao alcance de seus fortes.

Ao insulto d'aquelle potentado corresponde Ricardo com tal energia, que em oito dias foi a ilha tomada, e o atrevimento castigado. Feito pois por mal o que por bem fora denegado ao rei d'Inglaterra, e erecta em reino aquella nova possessão, Ricardo tornou a embarcar-se; e a armada, bem provida de tudo que lhe faltava, fez-se de vela para Ptolomeu.

Reunindo-se então ás forças francezas, deu principio ao ataque em que a constante rivalidade dos soldados os levava naturalmente a commetter indescriptiveis prodigios de valor! Quanto o desejo desenfreado de possuir o bem alheio é susceptivel de pôr por obra a viva força, os dois monarchas inventaram e fizeram realisar em frente dos inimigos, que principiavam a esmorecer em vista de tão excessiva furia: mas se por um lado a sanha dos exercitos os amedrontava, por outro as pendencias familiares, a que frequentes vezes se entregavam com desar da causa que os tinha levado até ali, os auxiliavam, dando-lhes occasião de se fortificarem.

Em consequencia d'estas desordens parciaes, o cerco prolongava-se.

Os barbaros viam muitas vezes, de braços cruzados, os seus inimigos extinguirem-se reciprocamente. E tanto mais estes se enfraqueciam em vãs disputas, quanto aquelles se fortificavam com trabalhos militares em toda a linha das suas trincheiras.

Comtudo, no fim de quatro annos, tiveram os barbaros de ceder. As cohortes christãs caíram sobre elles com ardor semelhante ás aguas de um rio que despedaçam os diques, levam tudo consigo, e tudo arrancam dos terrenos por onde se precipitam.

Filippe Augusto e Ricardo repartiram entre si o principal despojo; mas o rei de Inglaterra mostrava em tudo o orgulho que o caracterisava, e parecia, dentro da praça conquistada, o amante nos braços d'uma amante formosa, estremecendo d'amor e de ciúme.

Contam alguns historiadores que, tendo Leopoldo d'Austria mandado hastear a sua bandeira em uma das torres da cidade, como signal dos seus brilhantes feitos d'armas, que eram innegaveis, Ricardo correrá como um possesso ao alto d'essa torre, e com a propria mão quebrará a haste da bandeira, arrojando-a furiosamente aos fossos.

O orgulho do rei de Inglaterra feria o coração dos principaes chefes da cruzada. Alguns houve que por descontentes se retiraram; e outros que mais pela gloria de serem o baluarte perpetuo da Terra Santa do que pela amizade, o soffreram; taes foram o conde de Leicester, sir Thomaz de Gislard, sir Foulk Doilly, sir John Derby, o barão de Norfolk e Nortumberland.

E foram estes effectivamente o temivel baluarte que o zelo das coisas religiosas levantou contra o dominio de Saladino.

No meio d'estes dissabores, causados pelo caracter indomito do rei de Inglaterra, annunciou Philippe Augusto que as suas enfermidades o obrigavam a voltar a França. Pretexto bem tomado para dissimular a offensa do seu orgulho causada pelo comportamento de Ricardo.

Filippe Augusto, deixando dez mil homens sob o commando do duque de Borgonha; e Ricardo encarregado de fazer executar a capitulação de Ptolomeu, partiu para França.

Não tinham ainda n'aquelle tempo estudado profundamente a physiologia do rei das feras; aliás não teriam denominado Ricardo — Coração de Leão, observa um escriptor francez, referido-nos entre muitos actos de barbaridade um, que para sempre manchou a memoria d'aquelle principe; porém a falta de generosidade que notamos no coração de Ricardo, não era senão devida ao arrebatamento do seu caracter, e a impetuosidade das suas idéas, quando julgava offendido o seu amor proprio. No decurso da historia d'este guerreiro ha muitas acções que comprovam a nossa asserção.

Recusava Saladino pagar aos christãos os duzentos mil bezantes de ouro impostos pela capitulação,

e duvidava entregar-lhes, como promettera, o santo lenho onde Jesus Christo havia expirado no Calvario. Ferido por este modo o amor proprio do principe inglez, não podia deixar de ter logar algum acto de barbaridade. Ricardo mandou degolar n'um dia todos os prisioneiros sarracenos, que eram dois mil setecentos e tantos!

Por este modo ficaram as coisas no antigo estado, e a guerra continuava mais acerrima ainda. Ricardo manda publicar pelo seu arauto a partida do exercito para Jaffa. Em dez dias de marcha chegaram ás margens do rio Arsur, onde outro exercito musulmano, de perto de duzentos mil homens, appareceu para disputar o caminho. Aquella batalha devia ser decisiva, e não durou mais de vinte e duas horas. Os cavalleiros templarios de S. João d'Acre, e os hospitaleiros, inimigos terriveis para os barbaros, e que tanto influiram no destino d'elles, fizeram ahi taes prodigios de valor que os infieis perderam de todo o animo. Estes tinham cercado o exercito christão, como as pestanas cercam o olho, na phrase d'um escriptor arabe. O corpo de ferro, porém, que os infieis procuravam esmagar entre as suas fleiras, era irrestringivel.

Arredou com esforço essas phalanges que o cercavam, obrigando-as a abrir o cerco. A espada dos templarios era temivel; a furia de Ricardo illimitada! Os musulmanos voltaram costas e cortaram para Jaffa onde tentaram abrigar-se. As altas e quasi inacessiveis muralhas d'aquelle praça, as soberbas e gigantes torres que dominavam as planicies circunvisinhas, as portas de ferro, os fossos... tudo tinha desaparecido como por encanto aos olhos dos fugitivos! Saladino, sabendo o resultado d'aquella peleja, e o estado a que o exercito ficara reduzido, mandara incendiar e arrasas a praça de Jaffa, que d'outro modo teria caído em poder do vencedor. E assim fez a todas as outras que não podia defender. Ascalão, Ramla, Gaza, Natroa, todos os formosos castellos que coroavam as montanhas da Judea deixaram de existir como fortalezas. Era um espectáculo singular, dizem os chronistas, ver dois exercitos, ainda ha pouco temiveis, evitando novos combates, e percorrendo aquelle devastado paiz, um destruindo quanto encontrava no caminho; outro reconstruindo tudo que o primeiro tinha deixado em estado de não servir.

Em uma d'estas reconstrucções, que os templarios protegiam rondando os bosques, teve logar um dos melhoes feitos de Ricardo; um dos seus assignalados actos de generosidade convencional. Rondando os templarios as cercanias de uma serra onde se reconstruia uma fortaleza, foram repentinamente accommettidos por uma grande cohorte de cavalleiros musulmanos. Os esforçados cavalleiros do Templo já não podiam resistir ao numero dos infieis. Ricardo que passava a pequena distancia, acompanhado de uma pequena escolta, ouve o ruido do combate, e determina correr ao logar do perigo. Em vão lhe expõe o chefe da escolta, que seria desarrasoado ir intrometer-se em uma peleja parcial, quando outras mais gloriosas em pouco o chamariam a frente do seu exercito.

« Como assim! » replicou Ricardo Coração de Leão; quereis que lhes volte costas, quando esses valentes guerreiros, ao alistar-se sob as minhas bandeiras, ouviram o juramento que lhes prestei de os socorrer com o auxilio do meu proprio braço, em qualquer circumstancia da guerra que iamos emprehender? Oh! se estes maldados morressem sem terem sido por mim socorridos, onde acharia eu direito de intitular-me rei?!

Continua.

A Francisco Gomes d'Amorim.

Que maviosa voz é esta,
Que sae d'aquelle floresta
Em jorros d'inspiração?
Meigo cantor que te exalças,
Por sobre os cipós das balsas,
Quem és tu? qual teu condão?

Eu cuido que és rouxinol,
Quando vens saudar o sol
Nos teus Cantos Matutinos;

E depois, julgo que és nune
Se aspiro o doce perfume
Des teus inspirados hymnos!

Oh! quem és? por sobre a terra
O ecco do valle, e da serra
Repercuta o teu cantar!
Depois diz-me o coração,
Que tens mais inspição
Nas aguas azues do mar!

Na forma, no pensamento,
Na idéa, e no sentimento
A Garrett podes seguir;
Se ris, folga a natureza,
Mas se choras, com tristeza
A todos fazes carpir!

Agua audaz, guia-te Deus,
Fita o sol, e rasga os ceos,
Avassalla a natureza!
No teu vôo ha tal mysterio,
Que n'um, e n'outro hemispherio
Revela a mesma belleza!

A inveja curve a cerviz,
E já que ninguém me diz
Quem tu és! — Digo-o por fim:
Tu és um vate mimoso,
Sob o nome de — Amorim!

Lisboa, 1838.

J. J. MENDES CAVALLEIRO.

Lições para maridos

COMEDIA EM TRES ACTOS

EMITADA DE VERSO HESPAÑHOL.

Continuação.

ACTO III.

SCENA IX.

LUIZA, só.

É o menos, meu fofa capitalista, que te poderia acontecer! E entre os tolos que eu conheço, não ha deveras nenhum que melhor o merecesse!

LUIZA, BARÃO.

BARÃO.

(Entrando pelo fundo) Amavel Luiza!

LUIZA.

Ah! é o barão.

BARÃO.

Descalpe, minha senhora, se venho a uma hora si *matinale*; mas um motivo ponderoso...

LUIZA.

V. ex.^a é um temerario! (á parte) Se me não vejo livre d'elle, compromette tudo!

BARÃO.

Pois sou acaso temerario em vir saber de uma saude tão preciosa...

LUIZA.

De que saude falla? Não é da minha.

BARÃO.

De qual então?

LUIZA.

Quer, seguramente, contemplar as lagrimas que tem feito verter!

BARÃO.
Ó adorada Carlota! Heide ver-te entregue ao
barbaro jugo de um marido feroz, de um... (*abaixando a voz*) Está em casa o general?

LUIZA.
Não: mas volta breve.

BARÃO.
Um cavalheiro deve fazer o seu dever.

LUIZA.
Não respondo pelas consequências.

BARÃO.
Saberei com destreza açaimar a colera do marido... (*sorrindo-se*) E respeitarei a posição de uma
senhora, que por mim se sacrifica.

LUIZA.
(*Áparte*) É verdadeiramente parvo! (*alto*) Pois
com o general não lhe aconselho uma lucta.

BARÃO.
Ora! ora!

LUIZA.
Jurou que lhe havia de cortar, pelo menos, ambas as orelhas.

BARÃO.
Ora! (*áparte*) Que entalção!

LUIZA.
Ninguém pode ter mão n'elle... E de mais a
mais vem encontrar-se com outro homem, não me-
nos indignado...

BARÃO.
Fallemos baixinho... indignado!

LUIZA.
Em que trances pode ás vezes encontrar-se a
philantropia!

BARÃO.
Quem é o outro?

LUIZA.
O marido da condessa!

BARÃO.
O conde!

LUIZA.
Nada ignora!

BARÃO.
E' possível!

LUIZA.
Sinto rodar uma carruagem...

BARÃO.
Adeus, adeus, minha senhora! Quer que saia pelo
portão do jardim?

LUIZA.
(*Mostrando-lhe a porta interior*) Por ali!

BARÃO.
Adeus!

LUIZA.
Adeus!

SCENA XI.
LUIZA, só.

D'este me livrei eu. Faltará o conde? (*apparecem pelo fundo o conde e D. Frederico*) Não: ahí

vem o predestinado Orestes com o seu inseparavel
Pylades!

SCENA XII.
LUIZA, CONDE, D. FREDERICO.
LUIZA.
Agradeço a pontualidade!

CONDE.
Luiza!

D. FREDERICO.
Minha senhora!

CONDE.
Tão formosa e no jardim? Devem ter-lhe inveja
as flores!

LUIZA.
E' uma verdadeira fineza... de conde!

CONDE.
Como teem corrido as coisas desde hontem? Confesso
que a angustia do general fez-me impressão!

LUIZA.
Por em quanto, a paz não se alterou!

SCENA XIII.
LUIZA, CONDE, D. FREDERICO, MARTINS.
LUIZA.
(*A Martins*) Que queres?

MARTINS.
Deu-me um criado esta carta.

LUIZA.
(*Pegando na carta e lendo o sobrescripto*) E' para
v. ex.^a (*ao conde*).

MARTINS.
Foram a casa de v. ex.^a...

CONDE.
De lá sai agora mesmo.

MARTINS.
E como lhe disseram que viera para aqui...

CONDE.
Está bem. (*áparte*) E' d'ella! (*alto*) Se permittem...

SCENA XIV.
LUIZA, CONDE, D. FREDERICO.
LUIZA.
Pois não!

CONDE.
Vae-se, Luiza?

LUIZA.
Tenho que dar algumas ordens.... não tardo.
(*áparte*) Se é a carta que supponho, não o perdi
de vista...

SCENA XV.
CONDE, D. FREDERICO.
CONDE.
(*Abrindo a carta*) E' de Lucinda! Já lhe conheço
a letra! E' agradecendo a prenda que lhe mandei.
(*lé para si*).

D. FREDERICO.
Seguramente.

CONDE.
(*Representando e lendo alternativamente*) Mas
não chego a entender.

D. FREDERICO.
Não é d'ella?

CONDE.
É, mas despede-me em termos desabridos: pro-
hibe-me que a torne a ver.

D. FREDERICO.
E' extraordinario!

CONDE.
Pois não sou eu o mesmo homem que era hon-
tem?...

D. FREDERICO.
(*Áparte*) Virou-se para o capitalista: não ad-
mira! tem mais dinheiro...

CONDE.
Atreve-se a empregar similhante linguagem...
heide vingar-me.

D. FREDERICO.
Alguma intriga...

CONDE.
(*Amarrotando a carta*) Se eu pudesse saber o
nome do homem, a quem devo esta sensaboria...

D. FREDERICO.
Não seria talvez difficil. (*áparte*) E' o tal capi-
talista! (*alto*) Talvez eu acerte...

CONDE.
Quem é? (*furioso: abaixando a voz ao ver en-
trar Luiza*) Silencio! (*guarda a carta*).

SCENA XVI.
CONDE, D. FREDERICO, LUIZA.
LUIZA.
Meu caro conde, desejava fallar-lhe em parti-
cular, se o senhor de Vaomonde permite.

CONDE.
Estou ao seu dispor.

D. FREDERICO.
Com muito gosto.

CONDE.
Não se retire D. Frederico, que temos que fal-
lar.

(*Frederico vae-se*).
Continua.

Está no prélo a comedia em tres actos — *Lições
para maridos*, por Lopes de Mendonça.

Está no prélo o drama em cinco actos e um
prologo — *A pobreza envergonhada*, por J. da Sil-
va Mendes Leal Junior.